

## Alianças políticas e a busca pelo apoio para 2010

*Giovanni Weber Scarascia\**

2009 já contou seus primeiros 31 dias. Entramos em fevereiro e o Carnaval aponta para mais feriados, sinalizando, o óbvio: o Brasil começa a funcionar mesmo depois do reinado de Momo. Entretanto, os novos prefeitos e vereadores já têm uma noção do que os aguarda. Menos mal para os reeleitos. Os prefeitos novatos, entretanto, vêm-se às voltas com questões administrativas, burocráticas e, especialmente, financeiras. Do lado de fora, uma população ansiosa pelo cumprimento das promessas de campanha e na expectativa da melhoria da qualidade de vida.

Os primeiros problemas que começaram a surgir antes mesmo da posse, como a formação da equipe de Governo, já foram, em parte, superados (apesar das críticas). Geralmente, a “lua-de-mel” entre a administração pública e os cidadãos costuma ter uma duração média que varia entre 120 e 180 dias. É a tolerância padrão da sociedade. Ao mesmo, todo prefeito e até mesmo o vereador, gostaria de promover ao menos uma ação inicial de impacto - positivo - na sociedade de forma a mostrar sua força administrativa e gerar um clima de bem-estar junto à população.

Junte-se a esse momento de preparação da administração o prosseguimento das alianças políticas costuradas por ocasião das eleições municipais. Ano que vem será a vez das eleições estaduais e federais e as costuras políticas, como se sabe, já aconteceram em 2008 para aqueles que venceram as eleições majoritárias e as proporcionais. Restam os perdedores, considerando que aqueles que receberam apoio de futuros candidatos a deputado (estadual ou federal), governador e até presidente, já tiveram sua cota atendida.

Pelo movimento que já se percebe nas cidades da Zona da Mata e do Vale do Piranga, os potenciais candidatos têm se mobilizado e assediado aqueles candidatos que, mesmo perdendo as eleições municipais, mantiveram ou aumentaram seu capital político (votos). A abordagem (ou achaque?) passa por apoio financeiro, cotas de emprego para afilhados políticos e promessas de apoio para 2012. A base, entretanto, das negociações, se fundamenta única e exclusivamente na confiança e confiança é um elemento subjetivo de alto grau de periculosidade: ou se tem ou se não tem. Não existe meia confiança. Nesse quesito, entretanto, a base partidária estabelecida nas cidades, está vacinada. Não bastam mais promessas. Deve haver demonstrações de confiança. O que resta, nesse caldo político, é saber se nos planos dos novos e já conhecidos pré-candidatos (Humberto Candeias, pelo PSDB; Juarez Távora, pelo PV; Celso Cota, pelo PMDB, e Iran Khoury, pelo PT, dentre outros que surgirão) haverá a preocupação social ou se essa será apenas uma cortina de fumaça de marketing político. Para isso, será importante a organização dos cidadãos em torno de uma pauta de necessidades cidadãs e regionalizadas. Assim, evita-se cair no clientelismo individual e abre-se uma perspectiva mais consistente sob o ponto de vista do desenvolvimento.

Contudo, os movimentos apenas começaram. Inegavelmente, os candidatos perdedores de 2008 estão em melhores condições de negociação junto aos candidatos de 2010, pois já passaram pela fase do desgaste.

*\*Membro credenciado da Associação Brasileira de Consultores Políticos (ABCOP)*